Quinzenario Humoristico e Literario

DIRECTOR E EDITOR,
Artur Fernandes de Freitas

ADMINISTRADOR,
Alberto Pimenta Machado

SECRETARIO DA REDACÇÃO—*A. Faria.*

PROPRIEDADE DA EMPRESA DE **«A Sentinela»**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de Camões, 55

COMPOSTO E IMPRESSO NA
Typ. Minerva Vimaranense

I ANO Guimarães, 6 de Dezembro de 1916 NUMERO 6

Braulio Caldas

Bacharel formado em Direito e Sagrada Theologia pela Universidade de Coimbra

Autor dos «Bandos Escolasticos» nos anos de 1895 a 1900.

No anniversario das festas de S. Nicolau

ao Jeronymo Sampaio

Quando e sempre lembrar esses tempos fugazes
Das festas que o Sampaio aqui ressuscitou,
Respeite este retrato, apresente aos rapazes
Quem bandos escreveu e tanto os aturou.

6 de Dezembro de 1902.

Braulio Caldas.

Braulio Caldas

Recordar nesta ocasião das velhas festas nicolinas este saudoso nome é, mais do que um simples dever que facilmente se presta, uma suave incumbência. E' que é um nome inolvidavel para os corações academicos que atravessam os bancos do nosso Liceu, revendo no Passado dessas festas hoje decadentes, um motivo de orgulho, uma causa de desvanecimento. Braulio Caldas embora se manifestasse unicamente Poeta nos decantados «Pregões» que tão inspiradamente escreveu, foi o bastante para se revelar um Poeta do mais delicado estro. Basta reler esses formosos alexandrinos, cheios de humor e fino lirismo, para logo deparar o Artista consumado.

Na expontaneidade com que burilava a rima, na harmonia com que tecia o verso, ele aí se afirma um grande talento e uma grande alma. Quem tem o seu valor não carece das lentejoulas dos incomios, nem da critica vulgar, só por si brilha como astros de primeira grandeza.

Muita saudade e muita admiração ao nome ilustre do Morto!

A Redacção.

Meus caros amigos

Acuso a recepção da vossa prezada carta, em que pedis a minha colaboração para o numero que A Sentinela *vai consagrar á memoria do saudoso poeta Braulio Caldas.*

Penhorou-me deveras a vossa gentileza; mas não posso aceder ao vosso convite porque nunca soube fazer artigos.

Se o soubera, o que diria eu, agora, d'aquele que foi um dos meus melhores amigos e que é uma das boas recordações da quadra feliz da minha vida!?...

Não sei fazer artigos, não!

E assim, sou forçado, pela minha confessada inaptidão, a guardar para mim, no mais intimo do peito, ao lado de tantas ilusões perdidas, sonhos desfeitos e aspirações mortas, tudo quanto n'este momento dizer quizera, d'esse infeliz amigo, que foi um bom e um santo, e cuja memoria lembro e lembrarei sempre com a mais viva e profunda saudade, que é tambem a saudade dos tempos felizes em que havia alegria na minha alma e paz no meu coração.

Não lhes envio pois um artigo; mando-lhes, porem, um retrato que o Poeta me ofereceu e que pude salvar do incendio que tudo me devorou...

Publicai-o, meus amigos, e assim prestareis singela homenagem a Braulio Caldas, que foi, nos tempos modernos, o mais imaginoso dos enthusiastas da velha festa em honra de S. Nicolau.

Agradecendo a vossa cativante amabilidade, crede-me com a maior sympathia

Guimarães, 1 de Dezembro de 1916.

vosso admirador e obg.º

JERONYMO SAMPAIO

Palavras sinceras

CONSERVO, bem nitida, uma grata recordação do poeta e causidico ilustre Braulio Caldas, cuja memória se pretende exalçar nesta espécie de número especial que, para o efeito, mão amiga se lembrou de lançar à publicidade.

Freqüentes vezes, quando eu ainda era rapaz, escrevi versos que me ditava, instado por mim, e nunca vi quem versejasse com tanta facilidade como êle.

Era assás dificil fazê-lo sentar a uma banca para escrever ou ditar. Mas, quando tinhamos a felicidade de conseguir que vencesse aquela molesa que caracterisa certas criaturas talentosas como Braulio Caldas, os versos saíam de pronto a flux e tantos, que ás vezes era necessário dizer-lhe que bastavam, que já chegavam para o que desejavamos...

Ele possuia, em elevado grau, a ingénita emoção do poeta de raça que se revelava em todos os actos da sua vida. Quer falando, quer escrevendo, não resistia à tentação de espraiar-se sempre em considerações que logo denunciavam a sua bela alma de sonhador, quem sabe se errando timidamente no mundo real das desilusões tanto mais crueis quanto maior fôr a sensibilidade de quem haja de sofrer-lhes o embate!

Lento e lento, um profundo pessimismo doentio o acabrunhava, conquanto a espaços o sol da ventura parecesse rebrilhar nos seus olhos vivos, penetrantes, olhos de moço travêsso para quem a vida decorre feliz, dando-nos assim uma suave mas enganosa impressão de que a alegria era sua companheira inseparavel.

Tinha escrito na fronte o estigma fatal que vinca os que, como êle, foram fadados para cantar em verso as avassaladoras revoluções intimas.

Camisas e gravatas — Casa Elegante

Antiga Chapelaria Martins

Nas suas rimas, que por vezes se mascaravam de chistosas, perpassava sempre como que um cicio da profunda tristeza que o torturava.

Escreveu muito, mas convencido estou de que, como poeta, apenas em parte do norte de Portugal era conhecido. Duma modéstia excessiva que o diminuia aos olhos de quem... só aparências digere e delas vive, deixou-se finar sem nunca se impôr pelo intrínseco valor que possuia, escondendo a sua obra de delicado poeta e não a coordenando por forma a tornar-se conhecido em todo o país.

Amava enternecidamente o povo, talvez porque jámais se esquecêra que dêle viera, e o povo, principalmente o da nossa terra, amava-o a êle, pois sabia que a sua afinada lira, quando à tangia, sempre se lembrava dos humildes, cujos sofrimentos êle compreendia e amorosamente se esforçava por suavisar sempre que isso era possivel.

Recordo-me de algumas das brilhantes defesas que no tribunal de Guimarães fez de verdadeiros desgraçados que o buscavam, cheios de fé, para se salvar de penas graves, aliás inevitaveis se a sua defesa não fosse como as que Braulio Caldas sabia redigir. E a propósito vem narrar que, sendo juiz desta comarca o falecido Marques Barreiros, magistrado culto e inteligentissimo de que muita gente em Guimarães se lembra, tivera de responder a uma policia correccional um infeliz, cheio de crimes, que já faleceu também e cujo nome por isso oculto, mas que era conhecidissimo na nossa terra.

Esse homem respondia pela sétima ou oitava vez. Crime provadissimo.

Toda a gente esperava a sua condenação, tanto mais que êle era considerado um individuo perigoso. Porêm, na simples condenação pelo crime porque respondia, não estava todo o mal. O pior seria que, como conseqüência dela, teria que ser entregue ao Governo para lhe dar destino conveniente.

Como não tivesse quem o defendesse, foi Braulio Caldas, já no tribunal, instado para que valesse àquele desgraçado.

E valeu. Quebrando a praxe seguida em processos daquela natureza, usou da palavra e fê-lo de tal modo, poz, em nome do réu, tal compunção nas suas palavras repletas da eloqüência que adverte que é indispensavel valer, custe o que custar, a quem está prestes a tombar num abismo de ilimitada profundidade, que o juiz Marques Barreiros, varado de comoção, houve por bem mandar em paz o infeliz que pouco mais tarde faleceu.

*

São palavras sinceras, embora desataviadas, simples, as que ai ficam.

Nem podia deixar de ser assim a homenagem que á memória de Braulio Caldas presta quem teve por êle uma grande admiração, com a *mágua, sem remédio*, de não saber claramente justificá-la, a fim de que milhor compreendessem quanto era valiosa essa individualidade aqueles que não tiveram a ventura de o conhecer.

S. R.

A memoria de Braulio Caldas

O' saudosa memoria do Poeta
Nunca esquecida pelos corações
Desses que, solta ao vento a capa preta,
Recitaram teus celebres "Pregões„!

Doce lembrança para todos nós
Que do teu estro recordando os brilhos,
Vemos herda-la os netos dos avós
E dos paes transmitir-se para os filhos!

Foste poeta de raça, e nos teus versos
Sempre formosos, sempre sedutores,
De tantos mimos pródigos dispersos,
Parecem exalar o odor das flores!

Olha em volta de ti—que decadência!
O que foi feito dessa lira de ouro
Que tinha a suavidade e a inocência
Duma creança de cabelo louro?!

O que foi feito dessa Poesia
Tão deleitosa como o azul dos ceus,
Que aureolada de melancolia
Lembrava os versos de João de Deus?!

O que foi feito?! Porque é que se enerva
Como uma pobre e temerosa nau,
Sem ter a protecção já de Minerva,
Nem o amor leal de Nicolau?!

Vejam a alma com que Braulio, outrora,
As donzelas cantou de Guimarães,
Donzelas que não são senão agora
Nossas queridas e adoradas mães.

Murchas estão, na sua campa, as rosas
Que mão amiga lá espargiu em Maio,
Entre as lagrimas vivas e saudosas
Vertidas pelos olhos de Sampaio!...

JERONIMO DE ALMEIDA.

Braulio Caldas

FREQUENTAVA eu ainda a escola, onde ia buscar os primeiros raios de luz que me haviam de guiar n'este enorme oceano da vida, ora revolto e cheio de amarguras e desgostos, ora calmo e afagado pela brisa suave da Alegria e da Felicidade, e já o nome bembito de Braulio Caldas, echoava em meus ouvidos, como sendo um poeta distincto e um verdadeiro enthusiasta das Festas Nicolinas.

Volvidos quatro annos de escola, durante os quaes fui aprendendo a trilhar, embora a passos lentos e indecisos, o escabroso caminho da existencia, dei entrada no lyceu d'este lindo e aprazivel *Jardim do Minho*, o berço de Affonso Henriques, onde então mais amiudadas vezes ouvi fallar d'esse devotado amigo de Guimarães.

E com que profunda magoa se pronunciava o nome do saudoso poeta, que hoje dorme em paz o eterno somno, á sombra dos negros e gigantescos cyprestes!

Camisolas e ceroulas, meias, ligas e suspensorios

O mais completo sortido CASA ELEGANTE

Com que saudade os novos recordavam esses tempos d'outr'ora, em que Braulio Caldas, com o vigor da sua mocidade, ia mostrando a uma cidade inteira o seu indelevel amor pelas queridas festas Nicolinas!

E' hoje o dia 6 de Dezembro! Os jovens academicos, seguindo o velho costume dos seus antepassados, continuam prestando as suas gratas homenagens a S. Nicolau!

Mas emquanto o echo forte e destemido do rufar dos tambores se ouve no espaço, annunciando que Academia está em festa, no peito d'aquelles que choram a perda do sempre querido e amado Braulio, vertendo lagrimas de dôr, os corações batem dolentes, repercutindo-se na alma em baladas de saudade!

Guimarães, 1916.

A. F.

In Memoriam

Aos amantes do verso, aos delirantes,
aos que vivem de lagrimas cantantes,
a todo o sonhador,
eu rogo que soceguem uns instantes
e rezem hoje p'los que foram dantes
os mestres de valor!

Uma reza medida, feita em versos
p'ra quem cantou tambem annos dispersos
por certo ha-de agradar!...
Se na Iternidade ha casos adversos
levantemos espiritos submersos
tentemos o cantar.

Mas és tu, estudante! A tua capa
se privilegios tem, se tem encantos
mostra-los deveria;
A minha, de algodão que se esfarrapa,
já lá vai muito longe envolta em prantos
senão cá voltaria!

Era somente a ti que competia
desfolhar hoje o preito de saudade
ao Braulio que se foi;
mas se nuns desfalece a simpatia,
outros ha que o fim da mocidade
sua alma não destroi!

A gargalhar morreu sem ter na vida
vontade firme e fórma apetecida
para esconder os ais,
porque a sciencia da alma amargurada
é de saber viver sempre enganada
ou enganar os mais!

Ajoelhemos nós ante a memoria
desse viandante avido de gloria
que a dar lições morreu.
Procuremos agora achar-lhe os ossos
sem que cáiam na vala dos destroços,
se tanto se esqueceu.

Na campa suletremos lhe o exemplo
se qu'remos ser obreiros desse templo
que elle tentou erguer.
Ao menos uma voz do nosso bando
repercuta na vida e sempre e quando
algum de nós morrer!

Polvoreira—Dezembro de 1916.

R. Esteves.

SONETO

A memoria de Braulio Caldas

Salvé, ó inspirador da ardente mocidade,
O' labios onde brilha um riso salutar,
Alma cujo ideal nos sabias inspirar
Scentelhas de ironia e raios de amizade.

Na velha Guimarães, na tão leal cidade,
Em que um geral amor soubeste captivar,
Do tempo a rapidez não póde 'inda apagar
Um immortal porvir de eterna saüdade.

Outr'ora o estro teu que lagrimas vertia
Tomando um novo vôo em plena Academia,
Dava enthusiasmo e graça ás velhas Nicolinas,

E hoje os cantos teus, os prantos do poeta,
O suspirar da lyra, o teu pensar de asceta
São hymnos com que a mente nossa inda illuminas

Guimarães, 1916.

X...

In memoriam

Não é nosso intuito fazer aqui, embora a leves traços, a biographia do grande e saudoso Braulio Caldas: os seus meritos e predicados são bastantes e conhecidos, para que seja necessario ennumera-los ou expo-los ao juizo dos seus concidadãos.

Agora, que a *Sentinela* no presente numero presta uma honrosa homenagem ao grande poeta, só uma coisa, pequena mas sincera, temos em vista: lançar sobre o seu tumulo algumas flores da mais profunda Saudade e Respeito e dedicar algumas breves palavras á sua memoria, que jámais se extinguirá.

Não são necesarios elogios para o elevar, não são precisos louvores para o impôr á veneração: o conceito em que sempre o tiveram aquelles com quem conviveu e tratou e a intima devoção que ainda hoje a sua lembrança incute, com justificados motivos, são apanagios e honrarias sufficientes para quem, como Elle, foi em vida um amante fervoroso d'esta cidade e um poeta de inegualavel talento e de fecundo estro.

Se é justa a velha formula *Mors*

De que é que as senhoras gostam mais? Do aprumo, da elegancia e do bom gosto, e que o seu galanteador vista de preferencia no "Tailleur da Avenida".

Azevedo — Tailleur da Avenida — GUIMARÃES

omnia oolvit, se no mundo tuda é instavel e transitorio, se no enygmatica psychologia do Cosmos, ou na organisação constituitiva e caracteristica da Humanidade se encontra quasi sempre o esquecimento—e quantas vezes a ingratidão ou a injustiça.!—para premio das acções fortes e dignas e dos homens cultos e honrados, Braulio Caldas por certo é uma excepção consoladora!

E' justo que se relembrem sempre os talentos illustres que sempre viveram n'uma comunhão de aspirações e de interesses com a nossa terra: tal é Braulio Caldas, a quem a Morte já ha muito gelou o coração, empanou o brilho d'aquelle cerebro privilegiado e sellou os labios, aquelles labios singulares que tanta coisa linda e inspirada tinham pronunciado.

Que a sua alma nobre e pura repouse no seio de Deus, e que a sua memoria me permitta a collocação d'uma coroa de Saudades sobre o seu tumulo de sincero amigo de Guimarães!

P.

Andorinhas Mansas

Poesia alusiva ao facto de reprovação do sr. dr. Braulio Caldas, no 5.º ano da faculdade de Direito, e por êle recitada no extinto teatro D. Luiz, em Coimbra na noite da recita de despedida, em 1889.

Parti, não como o sol que morre no horisonte
Languidamente triste n'uma tristeza austera.
Parti alegremente e levantai a fronte
Aos beijos maternaes de alguem que vos espera.

Se a saudade vos torna a festa magoada,
E' bello, esperançoso, o sol que vos sorri.
Conquistai o porvir p'ra vossa terra amada:
Andorinhas da sciencia, esvoaçai, parti.

Mas antes de partir com os louros da victoria
Que hoje vos faz sorrir e que vos faz chorar,
Ouvi, serenamente, esta singela historia
Que eu, saudoso e triste, aqui vos vou contar.

N'uma manhã de Abril, n'uma manhã formosa
Em que a aurora esbatera em tintas de oiro e rosa
Na paleta do Azul o anil do firmamento,
Como poeira de oiro alli espelhada ao vento,
—Via-se, muito ao longe, a vacillar, na altura,
Uma nuvem serena e caprichosa... escura,
Crescendo a pouco e pouco a ouvir-se mais e mais
N'um doce gorgear de cantos matinais.

Depois illuminada aos raios da alvorada,
Desceu, alegremente, a multidão alada,
A demandar a terra, a construir esperanças
.....
Era o bando gentil das andorinhas mansas.

*
* *

Tinha passado a rir a vida trabalhosa
A construir o ninho, a cella velludosa
Onde germina o amor, a doida phantasia
Das aves, a cantar a alegre melodia,

Os belos madrigaes do sol da Primavera,
Que enlaça no rochedo a veluptuosa hera,
Laço d'aquelle Amor, d'aquellas esperanças
Que trouxeram d'alem... as andorinhas mansas.

Depois aquelle bando, a multidão alada,
Preparava-se alegre e já para a jornada
Que fica alem do mar... d'onde ella vê sorrir
As tristezas do inverno, o sol do seu porvir...

GUARDA-CHUVAS E BENGALAS, o melhor sortido

CASA ELEGANTE CHAPELARIA MARTINS

N'aquelle esvoaçar inquieto, presuroso,
Havia um doudejar... uma expansão de goso
D'aquelles corações, cantando, na partida,
A saudosa canção da sua despedida!

A mais timida, então, sosinha, esvoaçando...
Pouco e pouco subiu... perdera-se do bando
Pelas nuvens de arminho á busca d'um regaço,
Como a pluma levada ao vento pelo espaço...
Uma ave colossal que o odio e o sangue nutre
Pairava no azul... um temeroso abutre
Sedento de vingança, esqueletico, esfaimado,
Como uma mancha enorme em livro immaculado
Esvoaçou-lhe em roda... e de olhar penetrante,
Ferindo como fere o vidro o diamante,
Dissera lhe raivoso: O espaço não redime
A ave de outro ceu e que se alara ao crime
Poisando no meu throno, o sol da realeza,
D'onde eu domino sempre o espaço, a Natureza.

E ella coitadita! exanime, a tremer,
Balbuciou-lhe a medo: é tanto o meu soffrer.
—Se soubesses, então, a solitaria vida
Que eu passaria lá... tão pobre e desvalida,
Sem ter ninho... sem pão... sem luz, sem agasalho,
Sem o calor do sol e a frescura do orvalho...
E' tão triste o inverno, a aldeia é tão agreste...
Já vai cahindo a neve e sopra o vento leste...
Ceifaram os trigaes, colheram as cearas,
As mialhas de pão agora são avaras...
Que pena dos pardaes! da dor que os consome
A tiritar de frio e a morrer de fome!
Ah! deixa-me voar... voar continuamente,
Aquecer-me ao calor do sol resplandecente
Que entorna aureos crystaes, purissimos de luz
Gerados pelo Verbo Eterno de Jesus!
—Longe da minha terra eu vim buscar esperanças
—Sou do bando gentil das andorinhas mansas.

* * *

O abutre rasgou-lhe as pequeninas azas
No gume dos punhaes das venenosas garras,
E a pequenina ave em tremulos adejos
Cahira estrebuchando aos derradeiros beijos
Dos astros sideraes nas azas aniladas
Com reflexos de oiro e agora ensanguentadas.

* * *

E a terra estremeceu, tristissima, absorta,
Como quem vê tombar uma esperança morta,
E disse ao ver rolar a ave pelo chão:
E' triste ver pregar as tabuas d'um caixão.

Não tinha inda partido o bando jovial
Que se juntara ali, fazendo o funeral
Da companheira infeliz, que balbuciou gemendo
O derradeiro adeus!
Morta de um crime horrendo
Bohémias do amor esvoaçai... parti
Eu não posso voar... hei-de morrer aqui...
Não mais pertencerei a esse bando, nunca!
Feriu-me cruelmente aquelle garra adunca
Por eu querer ir comvosco andorinhas do Sul.
Por querer voar... voar ás regiões do azul

* * *

E partira sem ella alimentando esperanças
Esse bando gentil das andorinhas mansas.

BRAULIO CALDAS.

As senhoras devem trajar de preferencia os vestidos «Genero Tailleur». São os mais elegantes, os que ficam sempre mais bonitos, e sobretudo muito mais economicos. O «Alfaiate» vai a casa tirar medidas e levar os figurinos. — Azevedo — Talleur da Avenda — GUIMARÃES.

Bando Escolástico

Recitado em 5 de Dezembro de 1916 pelo Académico do quinto ano:

Manuel de Castro Garrett

(AOS ENTUSIASTAS DAS FESTAS)

Nicolau! Nicolau! vá lá, mais uma vez,
A Festa em honra tua, egrégio português!?
Alguns dias de folga, ao lado a livraria!
Sobraçando a batina a nobre academia
Pensou, considerou que tinha obrigação
O Santo festejar com alma e devoção.
Cumpria-se um dever; a consciência ordenava;
E alegres, joviais, e firmes, bem astutos,
Viemos para a rua (e Minerva se orgulhava!
Sorria de feliz!), segundo os estatutos.
Por isso, Nicolau, não fizemos demais;
Prolongamos a obra encetada p'los pais.
Ao lado a livraria, ás costas as batinas,
E revivamos, pois, as Festas Nicolinas!

Eu quero a minha voz se ouça possantemente,
Distante, em toda a parte, em os montes e fraldas,
Para o nome invocar dum mestre inteligente,
Do vate entusiasta — o doutor **Braulio Caldas.**
Eu quero recordar êste nome querido,
Como homenage' e preito, e como gratidão;
Já que o povo é ingrato e bastante esquecido,
Cumpramos um dever, a nossa obrigação.

Já que falando estou dum ido entusiasta
E' justo que recorde (Eureca! Eureca! Eureca!)
Jeronimo Sampaio (êle de nós se afasta),
Por onde pairas tu reluzente careca?!
Vem mesmo de varino, imita um frade antigo
E vem ver Nicolau por quem já foste louco;
Os claustros abandona, até nós vem, amigo,
A distância é pequena e gastas tempo pouco.
Segundo a tradicção e que nos consta, a nós,
Tu foste um heroi nas Festas Nicolinas;
Todos falam de ti, os nossos pais e avós,
Quando narram a nós tuas piadas finas.
Gozaste e bem fizeste. Essa tua ironia
De fazer rir o povo e de que 'inda gostas,
P'ra sempre ennobreceu a nossa academia,
Quando déste maçãs co'uma rapoza ás costas!
Ao ouvir's êste som, dos bombos as metralhas,
Recorda com saudade os tempos já passados;
Aparece e relembra, aos novos, das muralhas,
Que as péles no teu tempo eram feitas bocados.

Vós, oh mestres (se acaso está p'ra'i algum),
Não chameis á lição da Festa um companheiro;
O desastre é fatal, valores apanha um,
E as gatas para os pais representam dinheiro.
Por isso, se amanhã, à lição for chamado
Alguem e sem saber (se o mestre não fôr mau),
Apenas lhe dirá:—tenho o braço cançado.
—Você tambêm tocou?—Toquei ao Nicolau.
E o mestre compreendendo a tremenda tolice
Chama ao outro dia um rapaz à lição,
Embora ache de mais a nossa cabulice,
O amigo protector sempre nos dá razão.

O velho mundo em lucta, em titânica lucta:
Por toda a parte a morte a difundir a dôr,
No profundo oceano, em ar's e mais na terra,
Devido à ambição dum louco imperador.
Oh Kaiser caricato! oh «boche!» a tua sorte
Ha-de ser bem fatal, pior do que a de um cão!
Condenado serás à implacavel morte,
Teu sangue praguejado à ultima geração!

O melhor calçado é o da Sapataria Elegante
Conceria-se e faz-se por medida Passeio da Independencia—**Guimarães**

Oh barbaro estadista! animal já sem nome!
Grotesco domador! mar'chal dos marechais!
Crianças na orfandade e os velhos teem fome,
De ha meses que a miséria assolara os casais.
Tu julgas-te potente e com força tamanha,
Segundo o teu pensar, segundo o que tu dizes,
Que tu transformarás a Europa em Alemanha,
Com toda a sua raça e todos os paises.
Tal não conseguirás, tal não has-de ver.
Na nossa causa existe a Justiça e a Razão.
Os aliados, um heroi! tu has-de perecer!
Tens força de um gerico e nós a de um leão.
E assim o teu império, algoz inquisidor!
Da simpática Europa êle desparcerá;
Embora surja o luto, oh louco imperador!
Essa tua ambição p'ra sempre morrerá.

E tu, oh Guimarães, que tal te dás aí?
Sê franco para nós: ainda gostam de ti?
Fazem-te linda festa e prometem-te coisas:
Palácio e jardins, bairros, diversas *loisas!*
Não te podes queixar; fizeram-te um favor,
Em te ligar a Braga em um carro a vapor.
Tens *isto*... e mais *aquilo*... afora o que mais venha,
Um parque já tu tens e elevador à Penha.
Uma avenida larga, airosa e bem comprida,
Que quem por lá passar diz mal p'ra tôda a vida!
Já tens um bom relógio, obra do *sôr* Monteiro:
Dispôs de dez mil réis — dispôs do seu dinheiro.
E tu não estás mal; tu tens obras das finas,
Com luxo e com grandesa...*«olha a'stalar meninas!»*
Também vestes à moda, e as tuas mulheres
Entrajam belamente, as saias por aqui,
Botas 'té ao joelho, as pernas que eu vi
Das facas cabos são,— e tu o que mais queres?
Embora, à noite, a luz se apague, a gram telhuda!
Ouves, de vez em quando:—*«Olha da ramalhuda»!*
Em tudo és bem fadado, ó Guimarães velhinho
Barata a vida está, o centeio e o pão;
Quem a rasa quisér deita fora um quartinho,
E veremos, depois, o mais que aumentarão.
E vós que me escutais: vós o que mais quereis?
Tudo mais baratinho? arranjai seis mil réis,
E dai para a «Económica» apenas o nome.
Se não tendes dinheiro, adeus!... morreis à fome.
Até o lavrador que vem cá, à cidade,
De tudo o que produz e cria a sua herdade,
Explora um cidadão: nos ovos, nas cebolas,
Nos nabos e feijão, nos frangos e nas rolas;
Por sua vez, também, as próprias lavradeiras,
Na praça, no mercado elas são mais careiras.
E digam-me que é tolo o bicho lavrador?
Protesto e não concordo. E' fino. Isso sim!
Dum *«chespas bom serás»* passou a explorador,
Que muito estranho, até: *«Nunca vi sais'assim!»*
E já agora uma coisa, é justo, ó meu amigo,
Escuta e ouve cá, e concorda comigo:
Tem direito ou não tem, não é obrigação,
Agradecer, aqui, a um belo cavalheiro
Que nos dispensa sempre—José Martins de Aldão,
Um gigantesco pau—o célebre «pinheiro»?

A entrada do «pinheiro» arrepios me faz:
A boiada faltou. *E atão! ao despois*
Tudo se dividiu: em vez de um boi ou dois
Puxar á valentona, o *gado* vinha atrás!

Há tempos eu sonhei, em tempo já passado,
Um sonho, uma visão, um sucesso engraçado:
Um anjo lá do céu me viera buscar,
Umas asas me pôs e fomos a voar,
Pelos espaços fóra, até que, enfim, chegámos
Ao Eden desejado, onde nos hospedámos.
Um palácio assombroso: haver's e pedraria,
Brilhantes de valor, que casa luzidia!
De ver tanta riqueza eu fiquei admirado!
Andei, percorri tudo. E passado um bocado,
O anjo, meu companheiro, indicou-me as janelas:
Em cada uma vi olimpicas donzelas,
Trajando ricamente e causando-me espanto.
Que deusas divinais! que formosura e encanto!
Depois, não sei porquê, vê-las mais eu não quis.
Desci, desci, desci lentamente dos céus:
As deusas que enxerguei, sois vós, damas gentis.
O céu, foi minha terra... adeus, adeus, adeus!

Oh chefe cá da orquesta! oh mestre! oh meu regente!
Provine o teu povinho e mais a tua gente
Que quando terminar a minha alocução,
Com reptos de oratória e correcta dicção
(Eu não imito, não, palrador deputado
Que diz no parlamento, apenas: *«apoiado!»*
Eu não sou dêsses, não! falo com energia),
Necessário é ouvir-se a forte zombaria:
Diabólico barulho, imitando trovões
—Granadas estalai! arrebentai canhões!!

Leão Martins.